



ANIMATO GRATO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 7 ● 1\$50



○ QUE E' FEITO DE MARION DAVIES?

A conhecida estrela-milionária, a protegida do francófono Hearst, não tem aparecido ultimamente nas telas portuguesas. O último filme em que a vimos foi «O Pai Celibatário», com o excelente Aubrey Smith, já vai para dois anos. E' certo que não tem interpretado muitos papéis de então para cá. Faltam contudo à chamada *Daughters of Luxury*, *Polly of the Circus*, *The Blond of the Follies* e *Peggy O' My Heart*. E' um atrazo que não se justifica e que impacienta os seus admiradores.

Na capa: ANNABELLA E O SEU REFLEXO

página do OLAVO

Não te desconsoltes. Também eu fiquei chumbado no liceu e também os meus pais me empregaram no comércio depois de considerarem que o menino era uma besta e que não havia mais nada a fazer senão pô-lo num Banco a praticar. Tu conservas ainda hoje o teu emprego e fazes bem porque não há nada como ter um ordenado certo no fim do mês e um futurozinho modesto mas garantido.

Eu tive menos sorte.

Convenci-me que tinha vocação para artista e, essa frouxa ilusão levou os meus patrões ao extremo de me despedirem porque eu estava sempre distraído a ruminar formidáveis peças de teatro que felizmente nunca cheguei a escrever. Depois, como qualquer pessoa que falhou um curso superior e desprezou o comércio, enveredei pelo jornalismo de que escolhi o ramo cinematográfico que segundo, observaste já, é uma coisa muitíssimo fácil e pictoresca. Tem apenas um inconveniente: a falta de assunto.

Numa terra destas onde não acontece coisa alguma que valha a pena contar, os jornalistas cinematográficos passam a vida a fazer biografias inéditas de Greta Garbo e a repisar sobre a velha relutância do Charlot cont a o cinema talado, na esperança de que, entretanto, caia do céu, como feroil aguaceiro em seara ressequida, um assuntosinho qualquer, susceptível de render uma boa meia dúzia de artigos, que se distingam, ligeiramente que seja, das biografias de Greta Garbo e das afirmações charlolescas. Está provado que esses milagres só animam as redacções uma vez por ano. Ultimamente, depois do delírio da «Severa» e do entusiasmo da subscrição nacional para a construção do estúdio, o concurso da C. P. F. S. e a próxima realização da Canção de Lisboa, representam o mais recente exemplar dos tais milagres. Como podes calcular os jornalistas cinematográficos estão contentíssimos e não sabem o que hão de fazer para esmiñar o assunto até à sua mais insignificante espinha. A redacção de Animatógrafo está em pleno transe. Todas as reportagens nos parecem pouco reveladoras, todas as fotografias nos parecem insuficientes. Andamos num rodopio, telefonamos para toda a gente, indagamos por todos os lados e estamos contrariados porque não conseguimos ainda radiar o cérebro de Cottinelli Telmo para publicar.

Essa inquietação muito justificável e desculpável, levou já um dos nossos melhores amigos a fazer tentativas para nos serenar. Garantiu-nos que os jornalistas devem colaborar com a sua discrição, para o bom êxito do filme do Telmo. Deviamos ser prudentes, discretos...

Não concordo e ninguém pode concordar. As qualidades que se devem exigir dum bom jornalista são exactamente contrárias à actual maneira de ver do nosso amigo. Um jornalista prudente e discreto é um jornalista falhado. Prudência ainda pode ser um termo bastante sofismático neste caso mas discrição é incompreensível da parte dum jornalista. Ora eu, pelo menos, que fiquei chumbado no liceu e relaxei a minha carreira comercial não quero agora por uma questão vaga de discrição e prudência, sugerida por um amigo, deixar de seguir o caminho que me parece mais razoável, dentro da lealdade, e assim falhar mais uma



Jean Parker vestida com as suas melhores pernas e a sua blusa mais pérvida

profissão que, desta vez, me parece absolutamente simpática.

Se não fôrmos imprudentes e inconfidentes, como havemos nós de interessar os nossos leitores que pagam quinze tostões para ler uma revista interessante que lhes faça inconfidências acerca das produções da C. P. F. S. que é a realidade que eles sentem mais próxima dos seus sonhos!

E' incontestável que os comunicados oficiais fornecidos pela publicidade da Tobis Portuguesa, não podem interessar aos leitores dum semanário cinematográfico, por muitas razões mas principalmente por se tratar de pequenas notícias que, além de lacónicas, são publicadas pelos jornais diários, à medida que vão aparecendo. Um leitor de revistas quer saber tudo tal qual se passou, e a mais larga sugestão de ambiente e o menos restrições possível. O cinéfilo encartado, leitor assíduo de toda a literatura da especialidade, quer estar ao facto dos detalhes mais secundários do dia a dia da C. P. F. S. para a formação da qual concorreu na devida altura com o seu dinheiro que trocou por acções.

A sua curiosidade é natural e nós temos o

dever de satisfazê-la. Se o não fizermos, os nossos cinéfilos ver-se-ão obrigados (e não lhes podemos querer mal por isso apesar do vexame que representa para nós) a recorrer aos jornais diários que têm os mesmos recursos de informação com a esmagadora vantagem da rapidez.

Como estão vendo, este artigo é absolutamente estéril e não se destina a coisa nenhuma.

Se tivesse qualquer utilidade ou qualquer intenção definida, já o teria destruído para não ser publicado, por distração. Fazer coisas úteis ou definidas é sensato, mas triste.

Tomara eu agora que estas opiniões que apresento, de aspecto profissional, não sejam tomadas a sério ou a brincar. Devem ser tomadas como uma chavena de chá que nem entristece nem faz rir. Quem me conhece já sabe que eu, na realidade, não sou um profissional e que provavelmente nunca o serei.

As minhas opiniões sobre profissionalismo são tão sentidas como as lágrimas dos bebados.

O ideal é não tomar nada a sério. Só vale a pena tomar a sério os banhos de mar.

OLAVO

Mieux est de ris que de larmes écrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

RABELAIS

Já o dissemos: «Os Marx andam na terra por acaso, caídos eu sei lá de que estranho planeta. Nenhum dos seus gestos tem qualquer sentido lógico ou humano; as suas reacções ficam para lá da loucura».

Efectivamente, a característica inconfundível desse quarteto de artistas espantosos que o fonocinema nos revelou é a sua parentóia e ostensiva *deshumanidade*. Nêsse particular foram mais longe do que quaisquer outros cómicos do ecran, incluindo o próprio Chaplin. As personagens que criaram são exclusivamente cinematográficas, próprias do cinema e só possíveis de criar por suas mãos. Charlot, filho primogénito do cinema, tem afinidades literárias evidentes. É o *schemil*, o judeu errante e desgraçado, o pobre-diabo à maneira de Dostoiewsky ou de Dickens. Os Marx, que usam o apelido dum judeu famoso, não têm parentes na literatura. Só com muito boa vontade é que poderíamos aproximá-los de certos heróis de Cami. Têm, como êles, a *loufoquerie*, a impropriedade, o ar *fora-de-tudo*. A única coisa que nêles é normal — é a anormalidade. Se qualquer dêles diz: — Tenho uma ideia!, podemos ter a certeza de que ela, não só não ocorre nunca a ninguém, como é o mais tremendo disparate que em semelhantes circunstâncias era possível lembrar.

O mais formidável é que o cinema permite aos Irmãos Marx pôr em prática os seus projectos mais destrambelhados. Onde Cami se limita a narrar, os Marx executam. E não é possível descrever a série de situações fantásticas em que, por sua vontade, se colocam.

Sendo todos diferentes, os quatro Marx estão ligados por um autêntico cordão umbilical de extravagância e despropósito. São quatro *clowns*, quatro palhaços. Melhor: são quatro fantasmas de palhaço. Mas, pelo amor das coisas e das gentes! Não insistam em ligar à palavra palhaço o desprezo e a inferioridade habitual. Pois ainda não compreenderam que o circo é o espectáculo mais leal e mais completo que pode oferecer-se, e que o palhaço é o rei incontestável desse mundo de coisas sobre-humanas?

Os Irmãos Marx vieram-nos do circo e do seu irmão mais novo, o *music-hall*. Pertencem à linhagem dos grandes excêntricos-musicais (que lindo título para um artista!), dos grandes *clowns*. Sustentam todas as comparações com Medrano, Tom Tit, Antonet, Waiter, Bébi, Teddy e Grock.

Os quatro Marx têm quatro nomes — Harpo,



Os Irmãos Marx

Groucho, Chico e Zeppo — e cada um dêles uma personalidade e um talento especial.

Harpo é o doido por excelência, o foragido de todos os princípios da razão, de todos os ditames da moral, de todas as leis da física e da história.

Só obedece ao instinto da conservação e ao do sexo. Ambos o incitam a correr: o primeiro diante de tudo o que lhe cheira a autoridade e a domínio; o segundo atrás de todas as raparigas bonitas que lhe passam em frente do nariz. E arregala os olhos, lambe os beiços, estende atrevidamente as mãos — e desembesta, com um entusiasmo animal.

Harpo Marx tem uma cabeleira simbólica de fauno. Anda com um grande chapéu alto amachucado, onde mete tudo quanto apanha a jeito. Usa uma bengala com um castão-buzina, que ainda toca.

Toca harpa como um deus. Daí lhe vem o nome, certamente. A música transfigura-o. As suas mãos ferem graciosamente as cordas desse divino instrumento, que só os tólos julgam reservado às meninas prendadas que os pais educaram à antiga. E é prodigioso o contraste entre a linha hierática, elegante, da harpa e a silhueta descomposta de Harpo, o trapalhão.

Chico toca piano. Melhor: brinca com o piano. Descobriu um *gag* inédito e notável: há notas que êle *dispara*, com o indicador da mão direita, com um ar desabusado, distraído — mas sempre, sempre a compasso. Pouco mais faz. É certo que é êle o animador duma das mais espantosas cenas do repertório Marx: a demonstração das forças de Harpo, para convencer um *gangster* a tomá-lo como guarda-de-côpo, e em que Chico serve de vítima voluntária e entusiasmada (*Agulha em Palhetto*). O mais característico da sua indumentária é o chapéu — calote com abas que lhe carrega as feições, salientando-lhe os fortes maxilares.

Groucho é o que usa óculos e bigode. Com aquela cara de funcionário público é dos de pior raça. O seu descaramento ultrapassa todos os limites. Ostenta sempre um ar autorizado, entre o médico e o *busnseman*. Mas, de repente, sem tir-te nem guar-te, começa a dançar o tango argen-

tino ou a dar lições de ginástica sueca! E escusado é dizer que não larga o charuto.

Zeppo é o menino-bonito da quadrilha. Só dança, com a vulgaridade das pessoas bem-educadas, o banalíssimo fox-trot. Só toca — os corações.

Pratica o flirt com aplicação e eficiência. Não se distingue à primeira vista do comum dos mortais, mas também tem pancada na bola, para não deshonrar o apelido.

Como todos os artistas do ecran, em especial os cómicos, os Irmãos Marx provocaram toda uma literatura, em que as suas atitudes e os seus feitos são minuciosamente analisados à luz fria da análise crítica. Os *surréalistes* franceses — *les camelots du surri!*... — apossaram-se das suas obras, filiando-as na doutrina extravagante do *Poisson soluble*. Os populistas arrazaram-nos em artigos medulosos e nebulosos, parafraseando a exclamação indignada de André Suarez: «O coração ignóbil de Charlot, quizerá esmagá-lo como um percevejo!» E não sei se chegou a haver algum Topsis de Universidade alemã que escrevesse um ensaio acerca da meningite que Harpo Marx teve com certeza aos quatro anos...

Em nosso entender, os Marx não toleram análises, nem críticas, nem coisa alguma que cheire a estopada.

Harpo, Chico, Groucho e Zeppo desafiam com as suas tropelias a humanidade pacata e estabelecida. Adolfo Casais Monteiro viu muito bem o único filme dos Marx que até à data foi exibido em Portugal: *Agulha em Palhetto*. Se algum defeito tem é exactamente essa incompleta audácia na poesia do «absurdo». A culpa é, como muito bem diz o crítico coimbrão, do realizador e do cenarista. O que fariam com os quatro Marx os *gagmen* habituais de Harold Lloyd!... Além de *Monkey Business* mais dois filmes dos Marx estão à bica! *Animal Crackers* (Os Galhofeiros) e *Horse Feathers* (Plumas de cavalo). Esperamos vê-los brevemente, assim como esperamos o *Whopee!* e o *Kid from Spain* de Eddie Cantor. Dos *Cocoanuts* vimos um bom resumo a que se deu este título indignante: *Cabeças de Côco*.

Sabem porque razão ainda não os vi os? porque o público português não gosta dos Marx! Prefere a lógica, sensaborona e fedorenta, má espiritual do Conselheiro Acácio.

Cavaleiros ds loucura, paladinos da imaginação, os Irmãos Marx são a própria negação da lógica. Daí lhes vem o génio e é por isso que estão no cinema como em sua casa.



Harpo Marx e uma das suas comparsas em *Monkey Business*

BALTAZAR FERNANDES

Animatógrafo

Produção portuguesa

O sonho de todos os portugueses que se interessam por cinema é, muito naturalmente e desde sempre, ver produzir filmes portugueses em Portugal. Esta preocupação, além de patriótica, é inteligente. Os portugueses compreenderam muito cedo a importância do cinema como instrumento de propaganda, sentindo e admirando a sua força expansiva. Atestam-no numerosos e inflamados artigos publicados em antigas revistas da especialidade — há-as desde 1915 — em que se prega, com argumentos fortes, a necessidade de criar uma indústria cinematográfica nacional.

Se é certo que somos povo de inteligência viva e fácil apreensão, também é infelizmente verdadeiro que, preguiçosos por natureza e hábito, sempre tardamos em transformar em realidade os nossos projectos mais caros. O sonho dum cinema nacional é um projecto duplamente caro... Talvez por isso só agora, em 1933, é que começa a tomar consistência e forma, deixando-nos prever um futuro mais luminoso que o passado. Mas temos pouca sorte. O problema da produção cinematográfica portuguesa nunca foi tão difícil de resolver. A coexistência dos sons, enriquecendo extraordinariamente o espectáculo cinematográfico, complicou as coisas na proporção de 1 para 10, tornando quasi proibitiva, pelo seu custo, a realização de filmes.

Mas os portugueses não temem as dificuldades, antes as apreciam. E, renovando o feito heróico dos seus antepassados, partem com denodo à descoberta do fonocinema, embarcados em fráguas caravanas. Confiemos contudo no seu instinto de nautas esforçados. O cinema português será um facto. Cuidemos pois da sua qualidade.

Se olharmos para o «palmarés» das tentativas anteriores, o panorama que se desfruta não é brilhante. Cinco merecem referência, mais pela continuidade que propriamente pelos méritos: a da Invicta Filme (A Rosa do Adro. Amor de Perdição O Primo Basílio, Os Fidalgos da Casa Mourisca, Mulheres da Beira, etc.); a da Pátria Filme (O Fado, Malmequer); a de D. Virgínia de Castro e Almeida, a primeira que teve alcance internacional (A Sereia de Pedra, Os Olhos da Alma); a de Rino Lupo, que conseguiu um notável êxito comercial (Os Lobos, Fátima Milagrosa, José do Telhado); e a série de Lettão de Barros, a primeira em que é possível discernir uma tendência e um estilo (Nazaré, praia de pescadores, Lisboa, Maria do Mar e A Severa).

Parodiando o subtil D. Francisco Manuel, poderemos dizer: Da infelicidade da composição, erros de técnica, e outras imperfeições dos filmes, não há que dizer-vos: vós os visteis, vós os castigastes... Tratemos de julgar o que aí vem.

Com a forma duma sociedade anónima, fundou-se em Lisboa há pouco mais de um ano a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm. Adquiriu bom material de tomada de vistas e de sons, está construindo um pequeno estúdio com todas as condições exigidas pela técnica moderna, e prepara a realização da «Canção de Lisboa». Mas ignora-se por enquanto quais são as suas intenções, os seus projectos, no sentido de fornecer ao público português, com regularidade, filmes falados na língua em que falamos. Quanto à ambição justíssima de conquistar o mercado estrangeiro parece que não consta do programa dos seus dirigentes, a avaliar pelas características rigorosamente alfacinhas da sua primeira produção.

Ora quer-nos parecer que, dispondo dos meios que a C. P. F. S. T. K. tem ao seu alcance, não seria utópico tentar produzir alguma coisa susceptível de interessar o público dos outros países, sem prejuízo do seu interesse nacional. Com igual dispêndio de esforço e de dinheiro produz-se-lhe a obra mais útil e valiosa. É certo que a Tobis Portuguesa, como lhe chamam, ainda está a tempo de emendar a mão.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Panorâmica

Argumento

O Cottineu Filme pediu-nos para não publicar-nos por enquanto o trecho da «Canção de Lisboa», que é de resto não nos contou ainda, com o injustificado receio de que uma excessiva publicidade venha a prejudicar o interesse do seu filme. Mas nós, que temos alma de traidores, resolvemos publicar, não o trecho completo nem nada que se pareça mas apenas um esqueleto muito esquelético do assunto. Além disso «A Canção de Lisboa» vive mais dum conjunto movimentado de «gags» inimagináveis do que propriamente duma acção bem vincada e definida.

A personagem de centro, um estudante boémio, interpretado pelo Vasco Santana, vive em Lisboa à custa dumas tias velhas de Traz-os-Montes e esforça-se por tirar muito lentamente o seu curso de medicina. Faz distúrbios constantes e as tias acabam por ter conhecimento de que é a enganada da maneira mais vergo-

nhosa e resolvem vir até Lisboa pôr tudo em pratos limpos. As tias que não são para brincadeiras retiram ao gordo estudante a protecção que dispensavam. Grande desgosto, etc, mas tudo acaba em bem com a fatal reconciliação. Isto é, como estão vendo, o ténue fio que estabelece a ligação do filme. O que tem interesse, como é óbvio supôr, é a colecção de estranhos incidentes que surgiram da fabulosa imaginação do Telmo para movimentar a «Canção de Lisboa».

O filme principia com a canção leit-motiv que lhe deu o nome, conduzida pictorescamente por um caprichoso découpage.

Uma das cenas mais movimentadas e cómicas passa-se no Jardim Zoológico, onde o Vasco sofre os mais complicados precalços com toda a espécie de bicharada. Outra cena também, de grande efeito cómico, decorre numa casa de fados onde o estudante se embebeda e canta mais uma vez, alcoolicamente, a «Canção de Lisboa», com um possível coro dos fadistas

presentes. E agora, alto! por hoje. Se continuamos a dizer tudo, a traição é completa e isso é que já não vale.

A 2.ª corporativa

Na quinta feira passada realizou-se no Central a segunda apresentação corporativa organizada pela Agência Cinematográfica H. da Costa Lda.

Exibiu-se o célebre filme da U. F. A. «A Imperatriz e Eu», realizado por Friederich Holländer, com Lilian Harvey, Charles Boyer, Pierre Brasseur, etc... que foi entusiasticamente recebido pela escolhíssima assistência de cinéfilos puros.

Os assinantes de «Animatógrafo» tiveram como a primeira vez entrada gratuita mediante a simples apresentação dos seus cartões de assinante.

Temos a reconhecer a maneira simpática como os nossos assinantes e muitos convidados procederam durante a apresentação de quinta feira; outra coisa, de resto, não seria de esperar. Já não podemos dizer o mesmo de alguns convidados que passaram a tarde a rosnar umas coisas sobre o filme, fazendo insinuações idiotas. Não queremos discutir o caso porque não vale a pena. Limitamo-nos apenas a salientar o pismo que o gesto nos causou, porquanto nos tinha constado de fonte segura que a Agência H. da Costa foi rigorosíssima na escolha que fez dos seus convidados. A Agência H. da Costa convencerá-se, erradamente afinal, que só tinha convidado para a apresentação corporativa da «Imperatriz e Eu» pessoas indiscutivelmente educadas e inteligentes.

Impostos

O aumento dos impostos sobre as receitas dos espectáculos cinematográficos, veio alamar, com muita razão, as empresas exibidoras de Lisboa e Porto.

O negócio da exibição de filmes que já não estava muito florescente com os naturais efeitos da crise, foi seriamente amuchucado com este último contratempo.

Os emprezários já protestaram mas não conhecemos ainda o resultado prático dos protestos. Se as reclamações não forem atendidas, qual será a defesa adoptada pelas firmas exibidoras? A primeira solução, a mais óbvia, será o aumento dos preços o que naturalmente contrariará muito os espectadores.

O negócio cinematográfico não navega práticamente em maré de rosas. Não nos explicamos portanto a medida inestimativa, exactamente quando se devia proteger por todos os meios, um espectáculo que vai seguir finalmente a moda política, nacionalizando-se.

E' com certeza a altura menos oportuna.

A vedeta

Quando, no concurso da C. P. F. S. foram seleccionadas as dezasseis raparigas que já apresentamos aos leitores de «Animatógrafo», tinha ficado bem definido que nenhuma delas faria qualquer dos dois primeiros papeis femininos.

Fizeram-se aturadas pesquisas no sentido de encontrar qualquer jóvém que satisfizesse um pouco mais as exigências artísticas do Telmo e dos seus colaboradores; mas foi tudo inútil. Dir-se-ia que os estrangeiros chucham conosco ao afirmarem, como afirmam a todo o momento, que as portuguesas são as mulheres mais bonitas e mais interessantes da Europa.

Parece que o Telmo acabou por dizer como o velho da fábula: «Rapaz vamos como dantes!» e tudo voltou ao princípio, parecendo, finalmente, que as dezasseis escolhidas vão ser peneiradas outra vez na esperança de que fique alguma entalada na rede.

Sonho e realidade

Houve um tempo em que ser cinéfilo era o mesmo do que ser sebastianista. A esperança de vir a fazer cinema era tão vaga, tão flouze que chegava a ser cómica. Mas agora não. Agora já vale realmente a pena ter esperança. Há a Tobis Portuguesa que já realizou até agora vinte e tantos sonhos de cinéfilos, há a produção portuguesa anunciada por H. da Costa e há ainda as possíveis surpresas que estes dois fortes exemplos poderão provocar. Nunca se sabe.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS AS ESTRELAS
INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS



Já se sabe o nome do segundo filme americano de

Lilian Harvey

Lilian Harvey logo que esteja concluída a sua primeira película para a Fox, *My Lips Betray* no qual tem como parceiros John Boles e El Brendel, começará a interpretar um novo filme intitulado *My Weakness*, que se poderá traduzir por *O meu fracasso*. O «fracasso» de Lilian! O que será?...

Flashes

Segundo consta, a Fox dispendeu no arranjo e decoração do camarim de Lilian Harvey nos estúdios daquela empresa — a melhor dependência que neles havia — cerca de cinco mil dolares.

■ Frederic March, a exemplo de alguns dos seus camaradas como Wallace Berry, Ben Lion, Douglas Fairbanks Jr. pensando em adquirir um avião para uso pessoal, está tomando lições de voo.

■ Polly Moran a conhecida comediante que temos visto em tantos filmes da Metro, deixou esta empresa para ingressar como artista numa companhia de rádio, com o ordenado de 3.500 dolares por semana.

■ *O ouro dos mares* é como se intitula o filme de Epstein recentemente terminado, o qual se passa inteiramente na ilha de Hoedic, na Bretanha, sendo os intérpretes habitantes dessa região.

■ Mais outro filme de vedetas está sendo realizado nos estúdios de Culver City. Intitula-se *Night Flight* (Voo Noturno) e dele são intérpretes John e Lionel Barrymore, Helen Hayes, Clark Gable, Myrna Loy, Ben Lion, Frank Morgan e Franchot Tone. Clarence Brown é o realizador.

■ Eleonor Boardman acaba de se divorciar de seu marido, o encenador King Vidor.

■ Alice Joyce, que foi uma das primeiras grandes vedetas que o cinema americano possuiu, nos tempos heroicos da Vitagraph de 1915, casou-se agora com o encenador Clarence Brown. Tanto um como o outro é a terceira vez que se casam.

■ Janet Gaynor, logo que *Adorable* esteja completamente terminado, irá interpretar com o actor inglês Leslie Howard por *leading-man*, o filme da Fox *Paddy-The-Next-Best-Thing*.

■ Tay Garnett, o excelente realizador de *Um Valente* está actualmente na Suíça procedendo à filmagem das últimas cenas do filme *O S. Iceberg*.

■ Flerelle e Lolita Benavente, artista espanhola, são as primeiras figuras femininas do filme de Maurice Champeux *Le Grand Bluff*.

Animatografo

GRETA GARBO VAI GANHAR DEZ MIL E QUINHENTOS CONTOS por FILME!

O novo contrato de Greta Garbo com a Metro, do qual tanto se tem falado nestes últimos meses, chegando-se a dizer que aquela empresa não desejava satisfazer as exigências da estrela suca quanto ao seu salário, acaba de ser assinado e tornado público. Segundo ele, Greta Garbo receberá, para interpretar dois filmes por ano, a soma de setecentos mil dolares nesses doze meses, isto é 350 mil dolares por filme, ou seja por tres ou quatro semanas de trabalho!

Todavia parecerá a primeira vista uma autêntica loucura o facto dos dirigentes da sua empresa a presentear com semelhante salário. No entanto, feitas bem as contas, tal não sucede. Assim, estando o custo total do seu próximo filme, *Rainha Christina*, calculado em 500 a 800 mil dolares—incluindo nele já o seu salário, 350 mil dolares—espera-se que as receitas, atendendo ao facto de Greta ser um esplêndido atractivo de bilheteira, subam a cerca de dois milhões de dolares. Sendo assim, com um rendimento dessa ordem, calcula-se que os chefes da Metro não tenham mostrado grande

relutância em conservarem Greta Garbo no seu elenco, ainda que para isso a tivessem de mimosear com semelhante, e quasi escandaloso ordenado...

CAMILLA HORN triumfa em Inglaterra

Camilla Horn, a modesta costureira dum atelier de Berlim que um unico filme bastou para celebrar. —foi ela a inolvidavel Margarida de Fausto, a obra admirável de Murnau— não encontrou na América, no tempo que por lá se conservou, grande oportunidade de marcar uma situação.

Na Alemanha também, talvez para não ser desmentido o adágio que diz que «santos de casa não fazem milagres», não foi mais feliz, porquanto apenas num unico filme appareceu depois da sua chegada á Europa, há dois anos.

A Inglaterra, pelo contrario, recebeu Camilla Horn de braços abertos. Depois de ter interpretado *The Return of Raffles* e devido á sua excelente atuação neste filme, a B. I. P., das mais importantes empresas produtoras inglesas, assinou com ela um contrato de longa duração. Para a British vai Camilla Horn interpretar agora *Matinée Idol*.

NORMA E O MARIDO ESTÃO NA EUROPA



Norma Shearer, que além de artista talentosa é também quer no cinema, quer fora dele uma das mais elegantes mulheres de Hollywood, chegou há pouco, como já noticiamos num dos nossos numeros anteriores, á Europa acompanhada de Irving Thalberg e seu marido, e dum filha, em góso de alguns meses de férias, a maior parte das quais será passada na Alemanha, onde Thalberg vai fazer uma cura de repouso.

E á sua chegada ao Havre, a bordo do «Berengaria» que a nossa fotografia reproduz. Nela se pode notar o elegante fado de viagem de Norma, que detem, sem favor, o invejável titulo da mulher americana que mais bem se sabe vestir. Noutro lugar publicamos em que Norma faz outros factos interessantes da sua vida.

WALT DISNEY E OS SEUS NOVOS desenhos coloridos

Walt Disney, o mago extraordinário do desenho animado, o criador do célebre Mickey e dessas pequenas maravilhas que são as «Sillie Symphonies», iniciou recentemente a realização de desenhos animados coloridos.

O primeiro filme colorido da série das «Sillies» intitulado-se *Flowers and Trees* (Arvores e Flores) e com ele alcançou Disney um premio especial de Academia Americana do Cinema.

Ao segundo desses desenhos saído dos estúdios de Walt Disney intitulado *King Neptune*, seguiu-se agora um outro, terminado há semanas e a que foi posto o titulo de *Birds in Spring* (Aves na primavera), o qual segundo a opinião da critica americana é dos três, o mais feliz e o mais perfeito.

MIRIAM HOPKINS NUM FILME DE KING VIDOR

King Vidor, que continua sendo um dos mais vigorosos encenadores que conta o cinema americano, depois de uma longa ausência dos estúdios de Culver City acaba de deixar Radio, para quem ultimamente dirigira vários filmes, e ingressar na Metro. Para esta empresa vai dirigir *Strangers Return*, extrajdo do romance homónimo de Phill Strong, que é também o autor do respectivo scenário. Na sua distribuição estão incluídos os nomes de Lionel Barrymore, Franchot Tone, um novo galá que está agora sendo muito falado, e Miriam Hopkins.

HARRY CAREY vai interpretar um novo filme

Harry Carey foi, tal como Monroe Salisbury, ha-de haver uma dúzia de anos, um dos artistas mais queridos das plateias populares.

Os frequentadores do Central dessa época decerto não esqueceram a figura máscula e vigorosa de *Cayena* —era sob este nome que Carey era conhecido da rapaziada do tempo.

O veterano Harry, que nestes ultimos tempos raramente tem sido utilizado pelos produtores do seu país—vimo-lo apenas em *Senda de Osh* e *Trader Horn*—vai agora ser o protagonista dum western que a Paramount vai realizar, *Sunset Pass*, extrajdo da novela homónima de Zane Grey, o escritor americano cujos romances decorrem sempre no oeste americano.

um artigo para o qual chamamos a atenção do leitor, curiosas revelações sobre a sua posição no cinema e outros factos interessantes da sua vida.

3 Entrevistas

num pé só

com três das mais bonitas intérpretes da «Canção de Lisboa»



Elvia Coutinho

Damos-lhes hoje três retratos em tamanho que só não é natural porque não pode ser e três entrevistas despretenciosas com três das mais bonitas raparigas que vão interpretar «A Canção de Lisboa» sob a direcção inteligente de Cotinelli Telmo.

É claro que não têm grandes coisas para dizer ao público...

Não estudaram ainda como as grandes *vecélas* internacionais, o gesto, a *pose* e as duas ou três frases ditas negligentemente ao *reporter* com o ar soberano das imperatrizes — as frases que hão-de ficar para a história...

Não. Estas pequenas são simples, anónimas raparigas que um grande e lindo sonho atirou para o cinema.

Foram a um concurso sorrindo e sonhando.

Ficaram aprovadas.

E agora, frente ao *repórter* que as olha com simpática benevolência, elas fitam nos surpreendidas, sorriem enleadas, torcem o lençinho entre os dedos pequeninos, baixam os olhos e perguntam numa aflição cômica:

— Mas o que hei-de eu dizer?

É evidente que o *repórter* habituado a entrevistar grandes e pequenos senhores e até mesmo senhores sem tamanho nenhum, foi pondo-s à vontade, foi fazendo um nadinha de *blague*, até que elas desatarracharam a língua, o que não é muito difícil para raparigas que lá bem no fundo do seu coraçãozinho ingénuo pensam em nos dizer, emperdigadas:

— A minha colega Greta Garbo...

Ora vamos lá ouvir as confidências inofensivas das pequenas...

Elvia Coutinho

Seu nome de baptismo é Elvira, mas para cartaz a pequena não gosta de ser Elvira. Vasco Santana apadrinhou-a e chamou-lhe Elvia. Não é feio e ela gosta. Está bem. Nasceu esta beldade em 19 de Agosto de 1910. Tem, portanto, 23 anos.

É um lindíssimo tipo de rapariga que nos lembra uma madona italiana. Olhos castanhos grandes e profundamente sonhadores. Morena. A expressão do sorriso, puro e diáfano traz-nos à lembrança Mona Liza, a que está no Louvre e Leonardo de Vinci pintou. Cabelos castanhos claros. Nariz dum corréção extraordinária. Uma das mais lindas pequenas da Tobis, em resumo.

— Qual era a sua profissão?

— Modelo nos Grandes Armazens do Chiado.

— Porque veio para o cinema?

— Porque gosto. Juro-lhe que foi por uma vocação decidida.

— Já representou alguma vez?

— Já! Em palcos de amadores. Agora ando a filmar uma comédia de nome *A Nova Aurora* e faço uma rapariga americana, filha dum português rico.

— De quem é isso?

— Dum senhor chamado Eduardo Silva.

— Como foi ao concurso?

A animatógrafo



Corália Escobar

— Li no *Diário de Lisboa*, fui à Avenida entregar a fotografia e depois fui ao Automóvel Club. Aqui tem.

— Qual foi a sua disposição durante o concurso?

— Sorri muito. Vi que havia lá pequenas mais bonitas do que eu e tive medo de não ser aprovada.

E quando foi aprovada? — Ai se souberse a alegria que senti! Sobretudo fiquei muito contente por o sr. Vasco Santana me encontrar habilidade para representar, dando-me muitos valores...

Qual a actriz de cinema que mais aprecia?

— Norma Shearer.

E qual é o seu actor preferido?

— Henry G. rat.

— Que gostava a Elviazinha de fazer no cinema?

— Um grande papel de alta comédia. Sinto-me para isso, não direi com muito talento, mas com uma vontade capaz de mover montanhas...

Ivone Fernandes

Uma das mais novas das raparigas da Tobis. Nasceu em 13 de Julho de 1918. 15 a os incompletos. É um tipo feminino, de olhos e cabelo castanhos. Bonita a valer.

Responde, lépida, às nosas perguntas:

Gosto tanto do cinema que assim que vi anunciado o concurso pedi ao maestro Raúl Ferrão que me apresentasse.

— De onde conhece o maestro?

— Do teatro. Eu sou discípula.

— Sofreu muito durante o concurso?

— Não. Nunca tive medo. Confiei sempre no júri e em mim.

— Porquê?

— Então sabe que é bonita...



Ivone Fernandes

— Não. Bonita não sou. Interessante, talvez. De maneira que as provas do concurso nunca me assustaram...

— Qual é o género de cinema que mais aprecia?

— O género sentimental, amoroso.

— Qual é a actriz de cinema de quem gosta mais?

— De Greta Garbo.

— Porquê?

— Porque vejo nela uma artista de excepcional envergadura e porque me impressiona o estranho fluido do seu olhar misterioso.

— Qual é o seu actor preferido?

— Henry Garat. Não é um sentimental, mas é do que eu gosto mais...

— Sua mãe gosta da carreira que vai abraçar?

— Imenso.

— Que papel gostaria de fazer?

— Gostaria de fazer uma rapariguinha amorosa, sentimental, cheia de ternura.

— Mas isso é um perigo, Vai receber uma infinidade de declarações de amor...

— Não me interessam por enquanto.

E num sorriso gaio:

— Sou ainda muito nova e não é tão cêdo que os rapazes me apaixonam...

Corália Escobar

E' bailarina de profissão e como tal tem trabalhado no teatro. Tipo loiro acastanhado. Olhos azuis, ternos. Alta, elegante, bonita a valer, um certo ar romântico, quasi triste.

Porque foi ao concurso do *Diário de Lisboa*?

— Eu estava no Apolo e nem sonhava em concorrer. Mas o sr. dr. José Galhardo influiu-me: — «Concorra, pode ser que seja aprovada.»

E eu embora entendendo que não tenha jeito nenhum para o cinema, fui.

— E durante o concurso teve medo de não ser aprovada?

— Não. Não tive medo, porque nunca esperei que me aproveitassem.

— E quando foi aprovada?

— Fiquei contentíssima, tanto mais que ia trabalhar no primeiro filme sonoro feito em Portugal por compatriotas nossos.

— Gosta dos filmes cómicos ou dos sérios?

— Dos dois géneros, mas preiro o cinema cómico.

— Entre os cinemas francês, alemão e americano, qual merece a sua predileção?

— O francês. Tem espirito e talento. E' em França que eu vejo os melhores artistas.

— Qual é a actriz de cinema sua preferida?

— Anny Ondra.



Deolinda Gonçalves, uma das mais gentis seleccionadas, na sua primeira «pose de publicidade»

(Foto Brasil)

— E o actor?

— Jean Murat...

— Gostava de fazer um filme com elle?

— Muito. Eu já lhe fui apresentada...

— O que gostava de fazer na *Canção de Lisboa*?

— Uma coisa cómica. Mesmo que o papel seja pequeno não me importa. O que eu quero, desde que para elle vim, é entrar no cinema.

— Do que gosta mais: ser bailarina ou actriz de cinema?

— Actriz de cinema.

— Sua mãe gosta da sua nova profissão?

— Foi ela que mais me influiu a entrar no concurso quando eu lhe disse que o sr. dr. José Galhardo me tinha falado nisso.

— O seu apelido é espanhol...

Um engraçado gesto de contrariedade:

— Tôda a gen e me chama estrangeira, lá por que o meu avô era espanhol.

Acredite que tenho raiva a mim mesmo. Se soubesse como eu gosto de ser portuguesa, o orgulho que eu tenho em ser portuguesa!...



CANÇÃO

dedicada a GRETA GARBO

Quem é que bate na Garbo?

— *Quem é que pode tocar-lhe,*

Literariamente, é claro;

De outro modo,

Seria um crime,

Uma coisa —

Francamente lamentável.

Se bem que a mulher, às vezes,

Anda nervosa, anda instável,

E adora ser sacudida...

Mas a Garbo — êsse mistério,

Tem a calma doentia

Da magnólia combalida.

Não é fácil entendê-la:

E eu que pretendo beijá-la,

Jamais pensei como e quando

E aonde é que eu hei-de vê-la.

ANTÓNIO BOTTO

Animatógrafo

UMA NOTICIA DE SENSAÇÃO!

Está constituído o BLOCO H. DA COSTA que vai produzir filmes portugueses de expansão internacional

Co gratulamo-nos por poder confirmar, fornecendo aos nossos leitores indicações inéditas e exactas, uma boa notícia vinda a lume numa entrevista recente: H. da Costa, o português a quem os cinéfilos tanto devem, vai iniciar a produção de fonofilmes portugueses, destinados a levar ao estrangeiro todas as nossas riquezas fotogénicas.

H. da Costa sempre entendeu o cinema como um espectáculo internacional e sabe que a sonoridade só aparentemente lhe diminuiu as suas possibilidades de expansão. A prova é que os *bons* filmes passam em toda a parte, não importando a língua em que falam os personagens.

Um outro principio de H. da Costa, que reúne ao melhor e mais claramente comercial o mais apurado gosto artístico, facultades indispensáveis a um director de produção, é que o autodidatismo é uma doutrina que sai sempre muito cara e que nem sempre dá brilhantes resultados. Ninguém nasce ensinado e ainda não existem manuais de cinema sem mestre... O único processo seguro de produzir filmes de jeito é portanto utilizar técnicos experientes e de reconhecido mérito.

Ora acontece que, por agora, técnicos que satisficam tais requisitos só os há no estrangeiro. E' questão de ir buscá-los onde os há, pondo-os a trabalhar ao lado de rapazes portugueses com vontade e vocação, portugueses que serão os nossos técnicos de amanhã.

Foi o que fez H. da Costa. Constituiu um «bloco» que tem o seu nome e que é composto por cinematografistas que já prestaram as provas mais brilhantes. São eles — Max Nossec, realizador da nova escola alemã, de que ainda há poucos dias vimos um filme extraordinário: «Aldrabão à força», primeira e felicíssima tentativa europeia de cinema cómico à maneira americana; Heinrich Gärtner, primeiro operador de Richard Fichberg, que tem fotografado q' así todos os filmes de Hans Albers; Mischa Spolianski, famoso compositor e adaptador musical, que compôs, entre outras, a partitura para o filme de Lilian Harvey «Cruzeiro de Amor»; Herbert Lipschitz, um dos melhores decoradores da U. F. A., especialista em construções para tomadas de vistas especiais (travellings aéreos, etc.); Erich Philippi, cenarista, que está executando actualmente para o realizador Turjansky a planificação de «La Bataille», de Claude Farrère.

O director de produção é, evidentemente, H. da Costa. O assistente geral é o nosso amigo e compatriota Arthur Duarte.

O «Bloco H. da Costa» vem realizar em Portugal uma série de filmes, o primeiro dos quais já se encontra completamente delineado e localizado, devendo a filmagem iniciar-se nos primeiros dias de Junho. Será dirigido por António Lopes Ribeiro, director do nosso jornal, e super-visado por Max Nossec. Ao lado de Heinrich Gärtner, actuarão os operadores portugueses Manuel Luiz Vieira e José Nunes das Neves. O assistente português será Júlio Vicente Ribeiro, sendo o filme administrado por Francisco Correia de Mattos, gerente da Agência Cinematográfica H. da Costa Lda.

Mais dois nomes: fala-se de Júlio de Sousa para compor a música e de António Botto para escrever a letra das canções.

Ainda não nos é possível dar os nossos leitores a relação completa dos intérpretes. A protagonista será Melle. Nita Brandão, uma linda portuguesa que vive há alguns anos em Paris. O segundo papel feminino — uma actriz de

music-hall — foi distribuído à vedeta austriaca Olly Gebauer, que foi Miss Viena 1930 e hoje é uma das artistas de cinema mais apreciadas na Alemanha. A seu lado, representando um pequeno papel, também entra no filme o célebre artista cómico Siegfried Arno.

Não está ainda assente quem interpretará o primeiro papel masculino. Podemos contudo garantir que ele será entregue a um português que nunca tenha representado nem cinema nem teatro. Em compensação, a primeira figura cómica será desempenhada por um conhecido artista teatral. Arthur Duarte também interpretará um dos papeis.

As tomadas de sons nas cenas exteriores serão feitas com aparelhos Lignose-Breusing, vindo para esse efeito um engenheiro especialista.

O primeiro filme produzido pelo Bloco H. da Costa terá características essencialmente portuguesas, tanto pelo entredo, como pelas figuras, as paisagens, a música, etc. Dados os elementos que asseguram a sua realização, não é temerário profetizar-lhe êxito absoluto.

E' preciso tirar por uma vez à produção cinematográfica em Portugal o seu aspecto de aventura. Arte precisa, o cinema pode prever-se, dominar-se, organizar-se de tal forma que os seus resultados não surjam com o aspecto agressivo das surpresas. Arte colectiva, não se conforma com individualismos enfiados, com a doutrina fácil do «se-não-fosse-eu». Exige a colaboração desinteressada de todos, sem meandros históricos, susceptibilidades, ratices.

Cada um tem o seu lugar, onde é insubstituível e indispensável. Não pode sair dele; e, dentro dele, necessita de dar com entusiasmo o seu máximo. A intriga de bastidor é fatal a qualquer iniciativa cinematográfica. O cineasta é, definição, um amigo da luz. Urge que seja por claro e franco como ela.

Arrostando com semelhante empresa, H. da Costa afronta corajosamente todas as dificuldades. Elas não são pequenas em si mesmas — mas insuficientes para abalarem a *carrure* do «português de Paris», como lhe chamam respeitosamente os que têm a sorte de conhecer e admirar H. da Costa.

Constituindo o seu «bloco», onde só figuram pessoas que lhe são inteiramente dedicadas, H. da Costa fez uma coisa que ha muito tempo devia ter sido feita: dar consciência colectiva à produção cinematográfica. O seu «bloco» será realmente a primeira pedra para uma produção portuguesa consciente e *continua*.

O filme que vai realizar não será o único. Procede desde já à elaboração metódica dum programa de produção. Ao primeiro seguir-se-ha um segundo, um terceiro, um quarto... — com a regularidade mecânica das coisas bem organizadas. Deve atingir-se já no próximo ano a média prevista de três grandes filmes.

Os técnicos estrangeiros que asseguram uma base sólida à organização H. da Costa vêm dispostos a ensinar aos seus colaboradores portugueses as tricas do seu ofício. Ensino mais eficaz do que se poderia colher lá fora, onde há estúdios montados, pessoal habilitado, ambiente propício, — onde não falta nada, enfim. Aqui, onde falta tudo, há que criar tudo — para que fique e se aproveite.

Vai proceder-se a essa criação. Confiamos nela, certos de que o espirito brilhante e *net* de H. da Costa saberá cumprir fielmente, como sempre tem cumprido, as suas promessas arrojadas — mas sérias. H. da Costa tem a repugnância física da *fumisterie*, do falso-valor, da verborreria empolada e insignificante. Homem de acção, sabe sempre o que quer e como quer. O seu nome à cabeça dum iniciativa desta ordem é, por si só, garantia certa da vitória.

No próximo número de «Animatógrafo» daremos mais circunstanciados pormenores acerca deste importantíssimo acontecimento, que marca certamente o início da fase mais interessante da história do cinema português.



Max Nossec dirigindo uma cena de «Aldrabão à força»

“A IMPERATRIZ E EU,”



VISTO POR *Antônio Lopes Ribeiro.*

O fonocinema alterou completamente a técnica da opereta. É uma das forças do cinema, e sa de deixar sempre sinais por onde passa. Vimos em Berlim, encenadas por Eric Charell, por Max Reinhardt; em Moscou, nos teatros de Meyerhold e de Nathalie Satz; em Paris, nos palcos do Théâtre de la Madeleine e do Atelier, peças de teatro—de bom teatro—em que o cinema marcou o seu estigma indelével. Lemos romances onde o estilo *aécoupage* aparece incisivo, na sua nudez matemática. Vimos quadros, em exposições, enquadros como planos cinematográficos... Desdenhando dele, o teatro, inimigo próximo, a literatura, a pintura, — todas as outras artes, — bebem-lhe o sangue, o sangue puro, luminoso e claro que ele irradia generosamente dos ecrãs.

As imagens sooras rehabilitaram os moldes estafados da ópera-bufa, adaptando-os às exigências da objectiva — e às dos espectadores. Tornou natural a ocorrência inopinada, que chocava os puristas do espectáculo teatral, duma cançoneta ou dum câro. Porquê? Não será transigência de apaixonado confesso?

Não. A luz, gerando sombras e sons, harmoniza tudo. A música nasce espontaneamente, sempre benvinda, sempre a-propósito. É mais uma imagem, que se *monta* como as demais. O filme musical sonhado por Emile Vuillermoz, não é uma utopia. Em nosso entender, já está realizado. Intitula-se — *A Imperatriz e Eu*.

Um filme musical. Musical pelo que se ouve e pelo que se vê. Embora sejamos refractários à comparação sistemática dos fenómenos cinematográficos com os fenómenos musicais (já escrevemos, a-propósito do *Milhão*, que é tão disparatado confundir a música com o cinema como a água com a electricidade), não negamos a afinidade, o parentesco natural das duas artes.

A Imperatriz e Eu foi dirigido por um músico. Um músico de bom ouvido e boa vista, que sente e compreende que um filme é, em última análise, um bailado, — bailado gigantesco, em que pode intervir a Natureza inteira.

O *libreto* da *Imperatriz e Eu*, não é genial, como nenhum *libreto*



de bailado (os únicos geniais que conhecemos são as sinfonias grotescas de Walt Disney). O próprio Diaghilew não passou do lírico *Espectro da Rosa*, do lírico *Après-midi d'un faune*, do imponente mas literário *Sacre du Printemps*.

Não me atribuam qualquer facciosa eliminação do génio do animador russo perante o do animador alemão. Erich Pommer tem o seu lugar, como Diaghilew tem o seu. Pretendemos apenas demarcar a posição da *Imperatriz e Eu* na história do cinema contemporâneo, monumento de bom-gosto e de equilíbrio técnico, em que se aplicaram todas as lições do *Caminho do Paraíso*, do *Milhão* e do *Congresso que dança*.

Tudo no filme de Friedrich Hollaender vem ao encontro da nossa sensibilidade: a composição das figuras, caricaturais sem prejuízo do rigor histórico da indumentária; o arranjo dos cenários, de puro estilo Segundo Império, mas com o conforto visual dos interiores modernos; a interpretação, sujeita à mais humana fantasia, passando o preciso para o *lado de lá*; a música, embechada das velhas e deliciosas melodias de Offenbach, de Lecoq e de Audran, num *arreglo* rapsódico que não irrita os convertidos ao jazz: a realização, enfim, onde a sátira, o idílio, a anedota e o gosto clássico se misturam nas mais felizes proporções.

Ora acontece que a *Imperatriz e Eu* é um filme interpretado por Lilian Harvey, Charles Boyer e Pierre Brasseur, três dos melhores artistas da Europa. Liliana, a dos olhos frescos e corpo de menino, Boyer, o homem da voz dolente, Brasseur, o bom rapaz reinado.

Se me dissessem que havia quem não gostasse da *Imperatriz e Eu* — ficava desolado.

ANTÔNIO LOPES RIBEIRO



NORMA SHEARER

diz-nos como um marido
pode ser útil a uma mulher



Miss Boato tem tido vento favorável, nesta época movimentada. Lambe os beijos gulosos, pois saboreou dois bons bocados que nunca lhe tinha sido dado provar: Norma Shearer e seu marido, o *producer* Irving Thalberg. Miss Boato tem tagarelado indefinidamente sobre oito pontos, a saber: que Norma e Irving planeiam retirar-se depois da sua viagem ao estrangeiro, renunciando de vez à vida do estúdio e indo viver para uma bucólica quinta onde criam pintos, crianças e couves-flores; que Louis B. Mayer está facilitando a subida do seu genro David Selznick ao lugar de Thalberg, e fazendo sair com o mesmo impulso este último; que afinal não é nada disto, que Selznick está apenas substituindo Thalberg na sua ausência, por uma espécie de *entente cordiale* entre ambos; que Thalberg está gravemente doente; que Thalberg está de perfeita saúde; que Thalberg irá produzir por sua conta depois do regresso, com a sua mulher Norma por estrêla, para começar; que Norma, Irving e William Randolph Hearst planeiam uma combinação para passarem para a United Artists; que todos estes boatos são bolas de sabão e que a verdade é apenas o que Norma e Irving dizem — que vão simplesmente tomar umas férias que lhes são muito necessárias para Irving se restabelecer da grave doença que sofreu ultimamente e que logo que cheguem voltarão para os braços da «Metro», onde tudo ficará como dantes. Os leitores podem escolher dentre estes boatos os que mais lhes agradar.

Norma na sua linda casa da praia de Santa Mónica concorda plenamente e sem reserva com o último boato.

Diz Norma, sempre tão franca e expansiva — tanto quanto se atreve a ser a mulher dum *producer*: «Eu e Irving temos contratos a cumprir na «Metro». Por isso tencionamos voltar para lá quando regressarmos da Europa. Já se vê tinham que existir estes boatos — você bem sabe como é Hollywood.

Tem havido sempre tantos boatos, que todos nós arranjamos uma espécie de imunidade contra eles. Tem havido boatos que se afirmam como factos positivos, a respeito da minha posição no estúdio, devido a ser a mulher de Irving. Crê-se que eu tenho a escôlha dos melhores argumentos, bastando apenas para isso levantar o meu «dedinho conjugal». Diz-se que apanho sempre o melhor bocado do manjar de Crawford e Garbo; que sou a menina bonita do papá e que o que se combina em casa, ao almoço, já se não pode desfazer no estúdio. Não é assim! É exactamente o contrário.

Se estivesse em qualquer outro estúdio, sem dúvida pediria muitas vezes argumentos que achasse bons para mim, escolheria papeis que eu gostasse de representar, faria por competir e defender os meus direitos tal e qual como os meus colegas. Nunca o fiz na «Metro» devido à minha posição. Não se pode fazer uma cena com o marido *producer*, tal e qual como se faria ou só com o marido ou só com o *producer*. Aquêlê pequenino traço de união entre o marido e o *producer*, é a casca onde eu escorrego.

Durante todo o tempo que estive na «Metro» apenas pedi um argumento: *A Divorciada*. De facto (para não parecer gabarola, o que felizmente se sabe que não sou) tenho deixado de desempenhar argumentos que me têm sido oferecidos, apenas com o receio que digam... exactamente o que a-pesar-de tudo dizem. Por exemplo, ofereceram-me *Reunion in Vienna* e eu disse a Irving que era tolice dar-no. Queria que Garbo o fizesse e disse-o. Sabia que ela poderia dar tudo quanto o papel exigia, e eu não.

Em resposta aos boatos — continua Norma — muitas vezes tenho chegado tarde a casa, de volta do estúdio, e encontro Garbo à cabeceira da minha mesa de jantar, em conferência com Irving e outros. Lá está sentada de pernas cruzadas, numa cadeira de espaldar, enquanto Irving e os outros convidados, e até os próprios criados quasi se esquecem da minha presença, enlevados na grande estrêla que ocupa o meu lugar. Como o rebutalho do jantar que os criados se dignam dar-me, enquanto servem Greta.

Não, não me tem ajudado nada o ser mulher de Irving, pelo menos pela forma que o público imagina. Porque eu não tenho deixado. Sabia que a má impressão que causaria eu tirar partido da minha posição, me faria mais mal do

(Continua na pag. 18)

Cinema

ESCOLA DE AMOR

por GUEDES DE AMORIM

Eu sei, tu sabes, êle sabe, e talvez a «Venus da Costa do Sol» saiba também, que o Amôr é o assunto que a Humanidade, consciente ou inconscientemente, discute com mais ardôr, entusiasmo e fanatismo.

E tudo isto está bem. O Amôr é o Amôr. Cada minuto da nossa vida é uma taça que devemos levar aos lábios, que nos deve oferecer uma emoção inédita. O Amôr é o Amôr. Claro. Há por êsse mundo fóra, atravessando avenidas cosmopolitas, cortando ruas estreitas, trilhando caminhos, homens e mulheres que não têm ocupação, que não sabem fazer coisa nenhuma. Tudo isto é verdade, tudo isto o sabemos nós todos. E o Amôr é o Amôr. Nada mais claro, nada mais natural. Todos aqueles que não tem emprêgo nenhum, procuram colocar o tempo e a atenção com questões amorosas; todas aquelas que não têm um curso superior, claro está também, empregam-se nos escritorios do coração. Tudo isto, afinal, é muito natural. Seguindo, porém, esta lei natural, que é também vício universal, falta sómente averiguar como êles e elas amam nos tempos vertiginosos que vão correndo.

Quero ter a coragem de lhes declarar que em pleno seculo XX, ano 33, aqueles e aquelas que amam, por mais que o Cinema haja renovado os métodos afectivos, em pouco ou nada diferem dos nossos antepassados.



Como declaram amôr os menos de vinte anos... (Joan Marsh e Robert Yo)

Eu bem sei que, actualmente, muitos rapazes elegantes, fanáticos colecionadores de filmes, discipulos das atitudes do *écran*, procuram dar novidade ás suas vozes afectivas, estilizar os seus anseios, renovar os seus processos de conquista. Mas não o conseguem, não o conseguem. A tradição pesa sobre os amorosos com a mesma força inamovível de uma doença, uma doença crónica... Todos pronto dela se afastam, por mais que se esforcem ou por menos que o queiram, voltam sempre ao passado.

Um rapaz de vinte anos, aluno dos gestos de Ramon Novarro, quis imitá-lo ao longo da sua vida afectiva. Procurou amar sem psiquismos, sem lágrimas, sem dôres e inquietações. Não o conseguiu. Certa noite de luar, na balastrada de um casino, aproximou-se da sua figurinha preferida, disposto a seguir «o método do seu mestre»: *o amôr vence por um ar subtil de indiferença...* Não o conseguiu, não o conseguiu. Ela, como que distraída, afastou-se para os seus aposentos. E êle, cinco minutos mais tarde, ajoelhava a seus pés, rememorando uma posição de seu pai e de seu avô, fazendo ouvir palavras molhadas de lágrimas e de súplicas.

O Cinema é um grande mestre, tanto como um curso superior, mas não consegue, não, anular certos defeitos de pieguismos que andam emboscados na alma de homens e mulheres, de rapazes e raparigas.

Um método sôbre a maneira de amar, mesmo sem ser novo, mesmo sem conseguir surpreender pessoa alguma, não teria actualidade, não teria oportunidade.

Quem ama fica ao sabor de uma corrente impetuosa, invencível.

Procede conforme as circunstâncias, procede conforme a mulher pretende, e nunca como o cinema manda...

Eu mesmo tenho um camarada, amigo íntimo, que, apaixonado por uma rapariga de ombros egipcios, lhe segredou em certo momento de intimidade: «Tu beijas como beija a Marlene Dietrich». Fóra sincero, sinceríssimo. Um dia depois, saturado de beijos e desencantado, confessava-me com igual sinceridade: «Tenho nojo daquela rapariga que me beijava cinematográficamente. Deixava-me tão mau gosto na boca...». Fadiga e desilusão? Certamente. Os mesmos sintomas, os mesmos resultados de sempre, de todos os tempos.

O Amôr é o Amôr. O Cinema é o Cinema. Entre êste, que é um mestre, e aquele, que é um vício, não pode haver entendimentos estreitos, nem jámais existirão relações que, partindo da imaginação, se adoptem á vida.

HAPPY END

Um milionário *yanquee*, apaixonado de Joan Crawford, procurou ama-la, a distância, do mesmo modo que ela é amada pelos galãs que com ela passam através dos filmes. Trabalho frustrado. Do á vontade passou ao ridículo; da serenidade passou ao desassocêço; da adoração passou ás lágrimas. Procedeu, afinal, como se procedia há cincoenta, há cem anos...

Hoje, se quiserem, ama-se ainda como se amava ontem. Naturalmente, o Cinema procurou renovar o amôr. Sómente, contra todas as leis de evolução, o Amôr é que ficou fóra do cinema, a sorrir-se da sua nova caricatura...



(John Botes e Bebe Daniels)

...e como o declaram os «trintanários».
(Joan Crawford e Monroe Owsley)

GUEDES DE AMORIM

BERLIM E NEUBABELSBERG



O «Schloss», onde vivia o Imperador, em Berlim

VÃO SER VISITADAS
POR UM LEITOR DE «ANIMATÓGRAFO» QUE A
SORTE EM BREVE DESIGNARÁ

Só falta um mês. No dia 13 de Junho anda a roda e a Sorte, que é uma rapariga bonita e cheia de caprichos variáveis, ainda não sabe quem será o feliz assinante de *Animatógrafo* que deve fazer uma deslumbrante viagem aos estúdios da U. F. A. em Neubabelsberg. Só falta um mês e há ainda muitos leitores de *Animatógrafo* que não se decidiram a gastar a miséria de 16\$00 para assinar a nova revista, habilitando-se assim sem mais trabalho e sem preocupações de adivinhar charadas, a ganhar algum dos valiosíssimos prémios que lhes oferecemos.

Se os nossos leitores reflectirem um segundo que seja, sobre as vantagens oferecidas por *Animatógrafo* aos seus assinantes, verificarão que nenhuma outra revista portuguesa teve até hoje recursos para fazer qualquer coisa que se parecesse.

Realmente, se considerarmos que pelo simples facto de assinar *Animatógrafo* se adquirem não só probabilidades inúmeras de ganhar algum dos prémios que anunciamos como ainda a faculdade de assistir de borla a todas as apresentações corporativas da Agência H. da Costa, chegamos facilmente à conclusão de que o dinheiro gasto na assinatura representa um esplêndido negócio para o assinante e não uma despesa. Além disso, os números de *Animatógrafo* adquiridos por meio de assinatura custam apenas 1\$20 em lugar de 1\$50, preço dos exemplares avulso.

E' preciso que se seja absolutamente desprovido de espírito prático para hesitar mais tempo em assinar *Animatógrafo*.

Se nós pudéssemos assinar *Animatógrafo* já o tínhamos feito desde que foi anunciada uma viagem a Berlim,

de graça, como primeiro prémio do nosso concurso.

Nós, os redactores de *Animatógrafo* somos infelizmente os únicos que não podemos ir a Berlim por este inesperado processo. Que pena! Resta-nos a consolação de sermos redactores da melhor revista de cinema.

Pensem um momento só na delícia duma despreocupada viagem a Berlim. Pensem que vão circular nos mesmos corredores onde circulam as melhores vedetas do cinema europeu. Pensem que vão penetrar como em terra conquistada nos mais íntimos segredos da cinematografia, assistindo à filmagem dum grande filme internacional. Pensem... ou antes não pensem mais porque faz mal pensar em coisas tão boas. Limitem-se a assinar *Animatógrafo*, aproximando-vos assim a passos de sete léguas, da mais luminosa das realidades.

Leiam bem a descrição dos prémios:

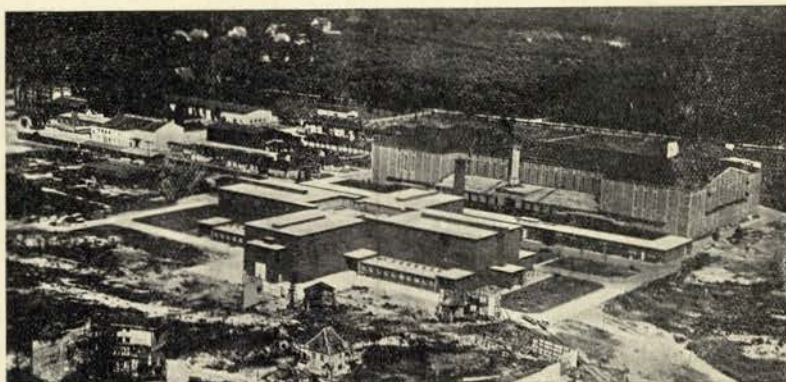
1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTUDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia, prémio gentilmente oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádio-fónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modelo 1933, oferecido pela casa Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, n.º 97.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecido pela casa *Amador Fotográfico* de Roiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além destes três prémios de primeiro plano, haverá mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da *Fábrica Nally*, discos, retratos autografados pelas grandes vedetas do cinema, entradas gratuitas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc. etc...

NÃO SE ESQUEÇAM de que só falta um mês!...



Conjunto dos estúdios da U. F. A. em Neubabelsberg

CRITICA

Actualidades

14 de Julho

14 Juillet
de RENÉ CLAIR

14 de Julho é, indiscutivelmente, um dos poucos filmes da produção deste ano que resistirá ao tempo, porque 14 de Julho é um grande filme.

Há quem diga que 14 de Julho é inferior aos outros filmes de Clair; que 14 de Julho marca uma pausa na sua carreira; brilhante que 14 de Julho poderia ser melhor, etc. Tudo isto são coisas que não nos interessam. Nem percebemos para que serve comparar o valor das obras deste ou de qualquer outro autor, ou o que se ganha em tentar desorientar se determinado filme é ou não a obra-prima deste ou daquele realizador. Isso é trabalho que só se compreende e justifica depois de terminada a carreira da pessoa em questão — quer dizer, na maioria dos casos, depois da sua morte. Estamos daqui a ver um qual-quer crítico dramático de seiscientos sentenciando o conspicuamente: «Hamlet prometo-nos para breve a obra-prima do sr. William Shakespeare... Esta sua peça, embora revelando a sua garra, fica à quem do que era licito esperar do seu talento...»

O que nos interessa em 14 de Julho não é o que René Clair já não pôs, o que dele podia ter feito, ou o que era da esperar que dele tivesse feito. O que nos interessa em 14 de Julho é o que lá está, é o 14 de Julho que René Clair fez.

Não sei. Esperávamos mais? Não senhor, não esperávamos coisa nenhuma — ou por outra, esperávamos um filme de René Clair. Ora 14 de Julho não demonstra que René Clair deixasse de ser o René Clair que nós conhecíamos — antes pelo contrário.

Pôsto isto, vejamos o que é o 14 de Julho.

Um fio de novela sentimental que se desenrola nas ruas de Montmartre e que serve de pretexto para a apresentação de alguns tipos característicos e para muitas *trouailles* — cómicas, poéticamente imaginativas e técnicas. Não encontramos já no 14 de Julho o estilo realista do *Sous les toits de Paris*, mas antes um «realismo estilizado», vertido em poesia, se assim se pode dizer. Para conseguir esse «clima poético», Clair abrandou o ritmo geral da película, de maneira que temos a impressão de que tudo se passa num mundo mais grave, mais leve; tratou tudo e todos com uma delicadeza inexcédível de meios; criou, enfim, aquele «ambiente René Clair» inconfundível, mas neste filme por uma forma mais absoluta do que em qualquer outro (exceptuamos o *Viva a Liberdade!* que não vimos).

A acção do filme é quasi nula, literariamente quasi nula. O seu grande valor está na realização, na execução cinematográfica de semelhante assunto.

E isto é tão verdade que é impossível dar uma ideia do que seja o filme, descrevendo-o, por mais pormenorizadamente que tal se fizesse. É impossível dar em palavras o efeito conseguido pelos meios cinematográficos — tal como os empregou Clair — ao descreverem os preparativos para a festa popular, por exemplo. É que René Clair soube dar um tal valor às coisas, soube tirar tais significados de pequenos pormenores, soube utilizar tão intencionalmente os recursos proporcionados pela técnica cinematográfica, que o seu filme é acima de tudo cinema, cinema do melhor, do puro.

É notável a delicadeza, a discrição com que Clair tratou o seu filme. Essa discrição revela-se tanto na cena do enterro, como naquela em que Pola Illéry tenta recuperar o seu *chauffeur*. A maneira de René Clair afirma-se em 14 de Julho com uma segurança e um poder talvez ainda não igualado. Basta lembrarmos-nos das *trouailles* cómicas e da forma como obteve o ambiente popular para que esta afirmação resulte necessária.

É de citar o comentário sonoro de todo o filme, o seu «fundo» sonoro um dos mais poderosos elementos para a criação do ambiente. Vejamos o efeito obtido com as *engueudades*.

De entre os tipos que aparecem no filme devem-se destacar o do *chauffeur*, o do ricoço bebado, o da florista. Mas todos os outros são excelentes. Quando se pensa na *concierge*, nos dois larápios, nos homens da orquestra, na família burguesa, não podemos deixar de os classificar igualmente de admiráveis. Mas os primeiros são os mais característicos, os mais *clairianos*.

A interpretação é inexcédível. Não podemos afirmar que este vai melhor do que aquele — todos são perfectos. Mas admiramos principalmente Paul Olivier, Raymond Cordy e Annabella.

Já que apontamos alguma coisa do que de último encontramos no filme, devemos dizer que

achamos fraca a ligação dos vários episódios, papel que competia à intriga amorosa entre Annabella e Georges Rigaud. Por vezes quasi se vem a sensação de desconexo. Mas não é, de forma alguma, razão que obste a que consideremos 14 de Julho um grande filme.

A Falsa Madonna

The False Madonna
de STUART WALKER

Não é dos piores o argumento deste filme, embora melodramático como os que são. A figura principal é curiosa e a sua regeneração plausível. Essamulher que se faz passar por mãe de um rapaz rico e cego, com a intenção de o vigiar, mas que desiste da sua feia acção depois de conviver um tempo com ele, o que lhe permite apreciar o seu coração privilegiado — essa mulher, dizíamos não é tanto uma figura literária como poderia parecer à primeira vista. O final da história é que é demasiado arbitrário: *c'est trop beau pour être vrai*.

A execução cinematográfica deste assunto — que, como vimos, já não era de todo desdenhável — acaba por impôr. Não que seja impecável. Mas é suficientemente cuidada para que não se lhe devam negar elogios. Souberam muitas vezes dar mobilidade à máquina, e com acerto — o que neste género de filmes americanos é raro. Mas certas cenas podiam ter sido tratadas mais cinematograficamente.

Kay Francis compõe a figura da aventureira que o amor do pretendo filho regenera, e fá-lo de maneira convincente. É uma das atrizes que maior emoção sabe dar à voz. William Boyd — o mesmo que faz o sargento Hogan dos *Diabos do Céu* — e Conway Tearle desempenham com sobriedade os dois papeis masculinos.

Página de escândalo

Scandal Sheet
de JOHN CROMWELL

O jornalismo americano e o seu principal defeito são o assunto basilar deste filme. Todos, pelo menos têm ouvido falar, nas características insensatas que distinguem a imprensa americana: fúria desabalada de sensacionalismo, indiscrição impiedosa, exploração reles dos baixos instintos dos leitores. Esse «processo» jornalístico, generalizado por toda a Norte América, é em *Scandal Sheet* apontado como o processo de um homem.

Esse homem — Georges Bancroft — editor dum jornal, não cede perante nenhum pedido, não atende a nenhuma consideração que lhe oponham para que tal ou tal notícia deixe de ser publicada.

Para ele só conta o interesse jornalístico de uma reportagem ou de qualquer notícia. Que a sua publicação cause desastres irremediáveis, estrague futuros, aniquile situações — isso é-lhe completamente indiferente.

Bancroft é casado — no filme, já se vê — com Kay Francis, que anda apaixonada pelo banqueiro Clive Brook. Isto fez com que o nosso homem se veja a certa altura preso nas malhas da sua própria rede. Essa «encrvação» saboreia-se como uma vingança: a figura não se torna simpática.

Tudo isto está bem e tem lógica. O filme, até aqui, condenou formalmente o sistema de jornalismo referido. Mas daqui em diante faz marcha atrás. São tantas as condescendências para com o jornalista que o efeito anterior é anulado. De modo que, chegado ao fim, o público fica um bocado desasado, sem saber o que há-de pensar. Teria a Paramount tido medo do omnipotente Hearst?...

Grande parte do filme passa-se na redacção do jornal. John Cromwell perdeu nessas cenas uma esplêndida ocasião para nos dar uma ideia do que seja a labuta febril de um grande diário americano e a vida esgotante e inglória dos seus *reporters*.

A película está cheia de belos planos, iluminados impecavelmente.

Mas é todo êle de uma lentidão aflitiva, lentidão causada principalmente pela profusão e comprimento dos diálogos. Defeito da época da sua execução (1931).

Deve dizer-se que a realização prima pela segurança e bom-gosto. Duvidamos somente que um jornalista americano — por muito bom que seja — possa viver tão faustosamente como o herói do filme.

Bancroft e Clive Brook representam ótamente, como sempre.

Mas já temos gostado mais de os ver. E palpatamos que cada vez que os tornemos a ver-

Bastantes «actualidades» nos programas desta semana. Todos os programas, até, com «actualidades». «Limo. E as «actualidades» não eram das piores. Regozijemo-nos.

A Paramount apresentou dois jornais, e, com um pouco de condescendência, pode-se dizer que satisfaziam quasi completamente.

Vimos Trotsky em Pompeia, a festa de Sta. Catarina em Paris, sports de inverno em St. Moritz, o «Conte di Savoia» a entrar em Nova York pela primeira vez, uns exercícios curiosos da policia montada americana, a inauguração da estátua de Clémenceau em Paris, etc. Alguns destes acontecimentos foram bem filmados e o melhor era o que focava Trotsky na sua excursão de turista burguês.

O outro jornal era mais fraco, dum modo geral, mas, em compensação, foi nele incluído a melhor de todas as «actualidades» da Paramount desta semana: uma manifestação monstro a Mussolini, de grande interesse quer para gregos quer para troianos.

A Pathé apresentou um jornal curto, mas com dois pequenos que merecem destaque: a venda da cer-

VIMOS EM LISBOA...



Conway Tearle, Kay Francis e William Boyd na comédia dramática americana, «A Falsa Madonna»



George Bancroft, Kay Francis e Clive Brook são os intérpretes do cine-drama «Página de Escândalo»



Annabella, Georges Rigaud, Pola Illery e Paul Olivier no filme de René Clair «14 de Julho»

TRAVELLING

O FIASCO DE RAMON

Como toda a gente sabe, Ramon Navarro está em Paris. Veio como as outras estrelas cadentes de Além Atlântico — que o são quasi todas — para rejeitar a bolsa E, como os outros, quiz mostrar-se ao bom público parisiense do alto dum granele Music-Hall.

Infelizmente, porém, o Rex — que, há meses produziu Jeannette Mac Donald, a sua «Eterna Canção de Granadeiros» e os seus inquietantes dentes compridos — não achou positivamente interessante a exibição, no seu palco, de «Ben Hur» em jaquetão. Não porque Ramon careça de «sex-appeal», de certo modo. Mas talvez por uma questão de compostura. E assim, o protagonista de «O pagão» teve que enfrentar a luz da ribalta no «Alhambra», que é hoje, depois de remoção no mais puro estilo moderno — rococo, um tranquillo cinema de bairro.

Esperava-se um sucesso monstro. Dizia-se que as mulheres de Paris — que são, como as suas irmãs de toda a parte, as melhores obreiras dum êxito — iam inundar a ampla sala de espectáculos, na contemplação extática do novo Apolo. Que viriam, das mais reconditas províncias, combolos especiais duma feminina «ruée vers la Rue de Malte». Que a vasta e atineta e «Place de la République» seria minúscula para conter os carros das Mes-sulinas em delírio que «assistiriam às jogosas «soltrées» ao «Alhambra»...

Logo ao «première», repleta do «Tout-Paris» de todos os acontecimentos que prometem, Ramon Navarro fez uma impressão deplorável. Certo, já toda a gente conhecia, pelo menos de tradição, os jettos amaneirados do untuoso «jeune premier». Mas esperava-se «quelque chose de plus fort, quand-même», como se dizia nos corredores, entre casacas e devotes.

Breve, as mulheres viram que aquilo não dava nada. Os ademanes coleantes, as boquinhãs preciosas do amoroso de «Mata-Hari» — que já dava a esta fita, ao lado do jógo de Greta Garbo, não set que se resabio de «Mädchen in Uniform» — fizeram o efeito glacial de uma «douchette». E a partir do dia seguinte, o escasso público que aptauia com moleza a: canções «à l'eau de rose» do doce Ramon, já era, na maioria, constituído pelos «habitues» do estabelecimento — bravos comerciantes do sítio, «chauffeurs» e as suas companheiras, várias dactilografas românticas e coriásticas, etc. Só havia, como excrecência, uma legião tenoz de raparigas de idade indefnida, de fisico amorjo e indumentária anodina, daquelas que o nosso vulgo diz que «ficam para tias».

Ah, perdão! : ainda aparecia uma certa percentagem de correspondentes de publicações longinquas e confidentiais, avidos de entrevistas que o pobre Ramon, na sua febre de publicidade e perante a indiferença da imprensa parisiense, longe de negar, quist sollicitava de toda a gente. Pois que havia ele de fazer ás belas trases bombásticas e ocas, que o seu «publicity man» o fizera decorar em Hollywood «ad usum Lutellae»? As lindas fotografias dedicadas em branco e revestidas de antemão daquela assinatura «Pires», numa letra muito certinha e muito característica?

A estas horas Ramon, que fala francês com ateliosa pronúncia galaica, deve achar, fazendo betcinho e bat não o pé, que Paris é «meuchant»... E na sua desventura é capaz de não encontrar quem lhe explique que, no seu caso, para triunfar na «Ville Lumière» é preciso pelo menos ter o talento de Mayol...

SIMÃO SEM-SAL

menos gostaremos. E isto porque, como os cristalizaram naqueles tipos que todos conhecem, já só fazem as mesmas coisas, o que acaba por cansar. Os americanos são especialistas nestas «cristalizações» e inutilizam com elas, lamentavelmente, os esplendidos artistas que possuem.

O Dirigível

(Dirigible)

por FRANK CAPRA

Um filme de 1931, mas que não deixa, por isso, de ser um ótimo filme. O argumento foca uma dessas histórias tão do agrado dos americanos, em que os feitos arrojadados, as exhibições da sua aviação naval, alguns desastres sugestivos e rasgos heroicos ditados pela amizade de dois homens, se entrelaçam hábilmente.

Na cândida lusação de que iriam assim prender mais a atenção do público, juntaram a tudo isto um conflito amoroso que não está mal alinhavado, mas que faz figura de intruso entre as aventuras básicas da acção. Tinha sido muito mais interessante mostrarem só a ansiedade das famílias desses homens audaciosos, durante as suas expedições temerárias — a aciedade de todos, a dor daquelas cujos membros sucumbem, a alegria e o orgulho das que vêem um dos seus voltar coberto de glória, etc. O filme ganharia assim 80 oje de humanidade.

A acção tem, por vezes, facilidades demasiadas. Mas isso só poderá inferiorizar o filme para os obsecados de realismo, para os cepticos impenitentes ou para os descrentes do acaso.

A realização é excelente. Quer as cenas do ar, quer as dos interiores, foram dirigidas com pulso. Os graudes clous do filme — naufrágio do dirigível, incêndio do trimotor, a festa em Lakehurst — são esplêndidas «vistas» cinematográficas. Alguns «long-shots» dentro dos hangares, de noite, em que só as figuras humanas estão inteiramente iluminadas, são planos que ficam.

Jack Holt, Ralph Graves, Hobart Bosworth e Fay Wray interpretam o filme e fazem-no por forma a só merecerem elogios.

Por tudo isto já viram que este é dos tais filmes que não custa recomendar.

Maridos em Férias

(Husband's Holidays),
de ROBERT MILTON

Espanta que se obrigue um actor como Clive Brook a desempenhar argumentos como o desta película.

«Maridos em Férias» trata um caso rebarbativo de infelicidade conjugal, interessante sob certo aspecto, mas demasiado literário — teatral, se preferem — para que a sua transposição cinematográfica se recomendasse.

O realizador tentou dar-nos em imagens o que o dramaturgo puzera nas réplicas. Mas, ou fosse porque isso era impossível ou porque de tal não foi capaz, o facto é que o conflito ficou todo nas palavras. E o andamento teatral, subsistiu, adivinhando-se até nas muitas entradas e saídas das personagens. O ambiente da acção, dado por meio de algumas figuras secundárias, interessa e diverte, por vezes.

Clive Brook desembaraça-se do seu papel com a mesma facilidade com que bebemos um copo de água. Mas continua muitíssimo enjoado, e o caso não é para menos.

Ainda dão com ele em neurasténico.

Charlie Ruggles faz o bastante para nos convencer de que é um belo actor. Juliette Compton e Viviane Osborne ainda tem que aprender.

As legendas do filme saem fora do vulgar. São tão más que até nos arrepiaram. E nós não somos o Dr. Ricardo Jorge...

Diabos do Céu

(Sky Devils)

de EDWARD SUTHERLAND

Já aqui várias vezes temos escrito — e ainda a semana passada o airmámos — que os americanos são incedíveis na farsa.

Não há como eles para saberem architectar um «scenario» cómico.

Uma história simples mas movimentada, três ou quatro tipos característicos, situações extravagantes mas claras, gags fundamentalmente visuais directos — emfim, um cómico esser «ialmente físico», como já li algures.

«Sky Devils» veio provar mais uma vez a justiça destas asserções. Do principio ao fim os mesmos «motivos» são aproveitados em sucessivas variações, sempre com a mesma felicidade. A volta da cobardia dos dois heróis, da «trouxiça» de um, e da «lata» do outro, bordam as mais impagáveis cenas que podem imaginar-se. Essas cenas sucedem-se num lógico encadramento, sem desvios inúteis, em «crescendos». A todo o momento gags excelentes. Dentre eles podemos apontar alguns — verdadeiros modelos de cómico cinematográfico: as evoluções destrambelhadas do avião de Charlie; a queda sobre a ambulância, vítima da sua solitudine; a «ressur-

reição» castigadora do sargento (como um simples sóco pode ser significativo!); a perseguição do coronel pelo avião e o instinto que o leva a fechar a porta do casinóto, como se isso dalguma coisa lhe servisse se a descolagem não se tivesse feito tão rápida; a cena da pedrada, os bombardeamentos, e quantos mais!

Edward Sutherland realizou o filme por forma tal que merece um bravo. Só estranhámos que em 1917 já se usassem fatos de banho do modelo actual.

Algumas evoluções dos aeroplanos são espantosas. Os planos de conjunto foram aproveitados dos «Anjos do Inferno», mas isso não se pode levar a mal.

Todos os interpretes são excelentes. Não sabemos o que mais admirar — se a prodigiosa naturalidade de Spencer Tracy, se a mascara extraordinária de George Cooper, Ann Dvorak e William Boyd, o das Ruas da Cidade tão bém quanto era preciso. E Billy Bevan, no coronel, salientou-se pela sobriedade com que soube compôr a sua cómica personagem.

D. M.



Spencer Tracy, Ann Dvorak, William Boyd e George Cooper no filme de aviação «Diabos do Céu»



Clive Brook, Juliette Compton, Charlie Ruggles e Viviane Osborne, na alta comédia «Maridos em Férias»



Jack Holt, Ralph Graves, Fay Wray e Hobart Bosworth no drama do ar «Dirigível»

TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATÍ-
COS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE
CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA
RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊN-
CIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DE-
VE SER DIRIGIDA A DR. CELULOIDE,
: : R. DO ALECRIM, 65-LISBOA :



Correio dos Cinéfilos

DUQUE DE CHAMERACE—Lis-
bôa. Se o teu desejo é esse, e con-
cordando até certo ponto com as
tuas considerações acerca dos bár-
baros invasores, não tenho dúvida
nenhuma em te não incluir no nú-
mero desses *indesejáveis*; e para tua
tranquilidade dir-te-ei que sou do
Sul... — A tua opinião pelo que
respeita a essa casa é justíssima, e to-
dos nós a ela devemos estar agra-
decidos pelo bom que tem conse-
guido. Quanto aos tais boatos, de-
ixa-os correr. Não fazem mal a nin-
guém... — Não quero deixar de te
dizer que fiquei muito satisfeito
com a tua carta, pelo equilíbrio e o
avontade consciente com que aos
assuntos de cinema te referes. Para-
lens. — Na secção respectiva encon-
trarás o que me pedes. E cre que
tenho sempre grande prazer em ler
o que tu escreves.

AND SO ON—Lisboa—Para
Jean Parker enderece para Metro
Goldwin Mayer Studios, Culver Ci-
ty, Cal. — Não se segue que por essa
razão deixe de mandar fotografia. —
O meu amigo é que tem razão; o
galã de *Romance do Rio Grande* é de
facto Warner Baxter; António Mo-
reno era simplesmente o vilão da pe-
lícula. — A Nancy Carrol escreva
para o seguinte endereço «Param-
ount Studios» 5451, Marathon
Street, Hollywood, Calif. — E estou
sempre à sua disposição para quan-
do necessitar saber qualquer coisa.

MARIA DO CÉU—Covilhã—Não
pense numa coisa dessas, pois se-
ria capaz de me zangar, e eu quando
me zango sou muito mau... Não
torne a dizer uma coisa dessas, pois
que o prazer é todo meu. —
Para Charles Boyer, o admirá-
vel intérprete de *Traição* e de *J. F.*,
não responde, enderece 6, rue Dante,
Paris (5-c). Boyer que é também um
artista de teatro, é sem dúvida um
dos maiores artistas do cinema eu-
ropeu.

Na *Imperatriz* e *Eu* tem ele uma

actuação notável. — Basta mandar
para a administração a importância
respectiva. — E não deixe de voltar a
escrever-me, não?...

DR. CELULOSE—Pôrto.—Essa
página está desde início no nosso
programa, e nela continuamos a
pensar. Quando nos parecer oportu-
no iniciaremos a sua publicação e
nessa altura poderá o amigo satisfa-
zer a sua ambição. — A Lily Damita
pode escrever para First—Warner
Studios, Burbank, Calif. — *Mãos Cul-
padas*, *O Filho da Índia* e *Puro San-
gue* são alguns dos filmes interpreta-
dos por Madge Evans.

UM DE COIMBRA—Coimbra.
Sim, senhor. A sua assinatura pode
começar nesse como em qualquer
número; — O seu pedido vem na
Posta Restante de hoje.

X—Coimbra—Os nossos melhores
agradecimentos, enigmático perso-
nagem, pelos seus tão cativantes elo-
gios. — Nem Beatriz Costa nem tam-
pouco Dina Tereza, pelo menos por
enquanto, estão indicadas para o
elenco da C. P. F. S. — Não, e a
prova é que em *Canção de Lisboa* to-
mam parte nos principais papéis ar-
tistas de teatro. — Escreva a Brigitte
Helm para U. F. A. Krausenstrasse,
38 — 39, Berlín W 19.

Retribuo com prazer o seu abraço.

O PRINCEPE NEGRO—Lisboa—
Achei graça às suas considerações
sobre essas rapariguinhas. Eu não
estive lá, mas calculo bem que ti-
vesse sido assim — Espero que deva
continuar a simpatizar com «Animatô-
grafo». Acho ótima a sua abstin-
cência desses dois jornaes — Na pos-
ta restante vem o seu pedido.

JOÃO SILVA SANTOS—Araioles.
— Em qualquer altura o pode fazer.
— Para Richard Barthelmess escreva
para Warner—First Studio, Burbank,
Calif. E' um dos poucos artistas que

mantendo a sua posição de vedeta,
resistiu à invasão do sonoro.—Entre
um e outro preferimos «Eu de dia e
tu de noite»—Volte a escrever sem-
pre que lhe apetecer.

MARIA JOÃO—Vila Real—Ouça
Maria João, voce é injusta para com
esse artista. Ele é mesmo um actor
de real talento. Em todos os seus
filmes—esse em que o viu é por pura
coincidência um dos mais fracas—
tem tudo interpretações de impecá-
vel sobriedade e justeza. Quando ai
fôr outro qualquer filme em que
apareça, não deixe de o ir ver, pois
pois tenho a certeza que modificará
por completo a sua impressão.—E
até breve.

JOÃO CABRAL DA SILVA—Lisboa
— Pelo que vejo o amigo está séria-
mente apaixonado por Annabella.
Achamos bem; o mais que lhe pode
suceder é não receber resposta a tão
inflamada carta; mas não; Annabella
é uma rapariga encantadora que
não vai por certo contribuir para
um suicídio... — Escreva-lhe para
19, rue de Chanzy, La Varenne—
Saint Hilaire, França.

JOHN FISHER—Coimbra—Nor-
ma Shearer nasceu em Montreal no
Canadá a 15 de Janeiro de 1902. Est-
á no cinema desde 1921 mas o seu
prestigio vem sobretudo desde 1925.
Está casada desde 1927 com o pro-
ductor Irving Thalberg. — Agora está
na Europa. Mas se é para conse-
guir uma fotografia dela escreva
para Metro Goldwyn Mayer Studios,
Culver City, Calif.—Estou certo que
mandam.

—Para fazer a sua assinatura basta
enviar a importância em selos ou
vale do correio para a administra-
ção.

CLOTILDE MARTINS—Gaia—
Que eu saiba isso não se podia dar.
Seria exagero... Não pense pois em
tal. O seu *Garatinho*, como tão sim-

paticamente lhe chama, recebe cor-
respondência nos Fox Movietone
Studios, 1401 North Western Ave.,
Hollywood Calif. — Já concluiu
Adorable que estava interpretando
ao lado de Janet Gaynor. — Presu-
mo que não deixará de lhe mandar
o retrato. — Creio bem que pudesse
fazer boa figura ao lado das con-
correntes da Tobis. Porque não ten-
tou essa oportunidade? — Não dei-
xe agora de voltar-me a escrever,
não?

WEEK-END—Estoril—Tenho a
certeza que há-de gostar muito de
14 de Julho. E' em boa verdade um
filme notável que não deve deixar
de ver quando tiver oportunidade
de o ver. Pola Illery é, de facto, um
caso sério... Tudo quanto dela lhe
disseram é a expressão da verdade.
acredite. — Sempre às suas ordens.
E' só o trabalho de escrever:
DR. CELULOIDE

Posta Restante

DUQUE DE CHAMERACE, nosso
leitor de Lisboa gostaria de corres-
ponder-se com *Violeta a dos olhos
negros* e *Mary Light*.

VENUS DA COSTA DO SOL—
deve ter recebido uma carta d'est
nosso leitor, que já lhe enviámos.

UM DE COIMBRA, leitor de *An-
matôgrafo* na cidade dos doutores
manifesta desejo de se corresponder
por nosso intermédio com leitoras
de 16 a 22 anos, acerca de cinema e
sports.

X, domiciliado em Coimbra, pe-
de-nos para que tornemos público o
seu desejo de corresponder com lei-
tora cinefila de 16 a 18 anos.

O PRINCEPE NEGRO, de Lisboa,
desejaria corresponder-se com lei-
ras de «Animatôgrafo» e especial-
mente com *Venus da Costa do Sol*.
Dirigir por intermédio do Dr. Celu-
loide.

Chiado Terrasse
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
30% NAS MATINÉES DE
3.ª FEIRA, 16 ou 6.ª FEIRA,
19 DE MAIO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50% NA MATINÉE DE
4.ª FEIRA, 17 DE MAIO

Palácio
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50% NA MATINÉE DE
5.ª FEIRA, 18 DE MAIO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50% NA MATINÉE DE
6.ª FEIRA, 19 DE MAIO

Condes
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
25% NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

Olympia
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50% NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

São João
(PORTO)
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50% NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

Odéon
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
DE PLATEIA OU DE BALCÃO
EM TODAS AS MATINÉES DA
SEMANA DE 14 A 21 DE MAIO
EXCEPTUANDO A DE QUINTA-
FEIRA, 18 E A DE DÓMINGO,
21 E PAGANDO APENAS
2850

(Conclusão da página 12)

que o bem que me adviria de qualquer argumento ou papel que cubicasse. Em todos os outros pontos Irving tem sido para mim um inestimável amigo. Tem-me ensinado coisas que sem ele levaria a vida inteira a aprender — pequenas coisas, como fazer-me ler em voz alta uma hora por dia, para conservar a minha voz maleável e forte.

Desejava que houvesse mais generosidade, mais camaradagem entre a gente do *écran*. Se pudessemos adquirir aquêlê esplêndido sentimento especial que parece tão vincado nos outros campos, na ópera, por exemplo, como se viu na emocionante despedida de Scotti quando Lawrence Tibbett se levantou no seu camarote e cantou *Auld Lang Syde*, e todo o grande mundo da ópera, amigos de Scotti, ali estavam.

Há muito ciúme em Hollywood. Uma estrêla vai para a estrêla doutra estrêla, de olhos embaciados, sarcasmo nos lábios, regateando os aplausos àquêla que sente ser sua competidora. Há muito receio entre nós. Não há o sentimento de que cada uma de nós pode ter o seu lugar e que, na verdade, não nos prejudicamos.

Irving tem-me ajudado também muito a conservar esta opinião. Tem-me feito vêr que, no grupo da Metro, nenhuma de nós realmente prejudica a posição de ninguém. Todos têm o seu lugar. Veja Garbo, Joan, Marion Davies e eu. Todas temos personalidades diferentes, perfeitamente à parte, sendo cada uma de nós capaz de ser e fazer coisas inteiramente diversas.

Gostariamos, Irving e eu, de vêr crescer mais a duração dos filmes, uma terna e perdurável duração. Podia haver esta «permanência», como se dá na ópera, na literatura e com certas peças de teatro — representações que são como velhos amigos, dadas repetidas vezes e repetidas vezes vistas, fielmente, pelo mesmo público. O público não deixa de ir ouvir o *Fausto* por o ter já ouvido muitas vezes. O público não riscaria *Forsyte Saga* de Galsworthy, porque o leu há um ano ou dois. O público não fica em casa quando se representa *Romeu e Julieta*, por ter sido representado centos de vezes no passado. Gostariamos que sucedesse o mesmo às fitas. Irving acha que há fitas de mais. Isto é um dos inconvenientes. Deveria haver menos filmes e cada um deles digno de passar à posteridade.

Naturalmente haveria menos actores, mas também o seu êxito não findaria quando perdessem a mocidade. Assim como a Duse e Minnie Maddern Fiske e outras est veram durante anos no teatro, assim algumas de nós continuaríamos dando aos espectadores o benefício do nosso talento amadurecido. Norma tomando calor, entusiasmando-se com o assunto, continuou: «Tenho que rir um pouco do boato n.º 1 — que Irving e eu tencionamos retirar-nos e irmos gosar uma vida rural de descanso doméstico. Posso conceber uma vida assim para mim, mas o que não posso é imaginar o que semelhante vida seria para um homem com a terrível energia de Irving. Se eu dissesse que esse boato é verdadeiro, que nós estamos planejando uma vida não profissional, em qualquer ponto isolado, eu ainda teria uma vida *professional* porque, à falta de melhor expressão, faria *profissão* de ser uma boa esposa, uma boa mãe. Uma boa dona de casa, enfim, uma boa companheira. Nunca estaria inactiva. Trataria

AS VANTAGENS QUE LHE ADVÊM DE SER ASSINANTE DE

ANIMATOGRÁFO

CADA NÚMERO CUSTA LHE SÓ 1\$20 EM VEZ DE 1\$50.

FICA AUTOMÁTICAMENTE HABILITADO A TO MAR PARTE NO FORMIDÁVEL CONCURSO QUE DESTINAMOS SÓ AOS ASSINANTES.

TEM ENTRADA GRATUITA NAS APRESENTAÇÕES CORPORATIVAS DA AGÊNCIA CINEMATOGRÁFICA H. DA COSTA, ISTO É: VÊ DE GRAÇA, E ANTES DE TODA A GENTE, OS MELHORES FILMES DA TEMPORADA.

TEM DIREITO ÀS ARTÍSTICAS CAPAS PARA ENCADERNAR CADA SEMESTRE.

TEM A PREFERÊNCIA EM TODAS AS INICIATIVAS, ESPECTÁCULOS, DESCONTOS, ETC.

de fazer de mim uma pessoa que marcasse, como o procuro ser presentemente na minha vida profissional. Oh! saberia aproveitar bem o meu tempo como o sabe qualquer mulher que tenha marido, um lar e um filho. Em primeiro lugar, teria mais filhos. Apesar de tudo, tenciono pelo menos ter mais um, mais ou menos brevemente. Faria profissão de ser muito boa mãe. Não como geralmente se pensa hoje. Mas uma mãe que fosse animada, divertida e interessante para o seu filho. O ente que o orientasse e o compreendesse, a quem a criança se dirigisse para se guiar.

Estudaria francês e alemão, canto e piano. Jogaria a sério «tennis» e o «golf». Leria e iria a conferências e concertos, para que pudesse sempre ter conversa para os meus hóspedes, quaisquer que fossem os seus interesses na vida ou o ponto do mundo donde viessem. Acho que a nossa vida de sociedade é imensamente ôca, artificial e sem personalidade. Procuraria fazer reviver hábitos doutro tempo, do tempo em que as pessoas se reuniam à volta dum piano e cantavam canções. Faria reviver a velha arte da conversação. Procuraria passar sem o entretenimento do rádio, das orquestras alugadas e doutros aparelhos mecânicos. Procuraria ser eu própria que preenchesse esses lugares e que os meus hóspedes contribuíssem com a sua parte. Seria uma dona de casa competente; estudaria a delicada arte culinária, afim de poder instruir uma cosinheira, se a tivesse, ou cosinhar eu, se a não tivesse. Faria apenas, mais zelosa e conscientemente, o que no entanto faço agora com os filmes. Não me sobriaria o tempo, o que de resto nunca deve sobrar a nenhuma mulher».

São êstes os tais bons bocados com que a *Miss Boato* se entretém e as respostas a êles. Qual dos boatos é certo, ou se algum o é, só Norma e Irving poderão responder. Esta é que é a verdade indiscutível.

veja na América e um portentoso exercício de acrobacia francesa.

H. da Costa exibiu três das suas revistas-mundiais Nos. 25, 28 e 30. Não eram de entusiasmar, mas qualquer delas compreendia um dos dois acontecimentos dignos de suscitar interesse. Assim na 25 vimos a comemoração em Berlim do soldado desconhecido alemão — uma grande parada a que Hindenburg, Hitler e outras personalidades passaram revista e uma curiosa festa em Ponti (Itália). Na 28 mostraram-nos alguns aspectos da catedral de Colónia e do desafio de foot-ball França-Alemanha, e na 30 um desfile dos automóveis «Benz», desde os primeiros tipos de 1900 até aos actuais, do mais curioso que se pode imaginar. Uma autêntica retrospectiva do automóvel.

Emfim, esta semana não foi daquelas em que houve maior razão de queixa. Mas ainda não podemos dar-nos por satisfeitos.

Desenhos animados

Bercunse Russa de Irving Berlin, em desenhos animados de Fleischer — Dos mais interessantes e engraçados comentários animados duma composição musical que temos visto. Muita imaginação aliada a uma segura técnica. O gag da criança, da mãe que a embala e do gato, cheio de graça.

Depois do baile dos Fleischer também. Igualmente um comentário desenhado duma canção. Muito inferior ao primeiro.

Culturais

Jogos aquáticos de Graham Rice. Admirável e curiosíssimo documentário da natação. Imprecavelmente realizado e com uma fotografia excepcional. Vemos vários animais nadarem e algumas mulheres e homens — de dentro de água, ou melhor talvez, de debaixo de água. Um filme que merecia palmas.

Farsas

O Oráculo (See Soldiers Sweeters) — Realizada por Harry J. Edwards, com Slim Summerville e Eddie Gibbon — O corneteiro e o sargento no Siao ou na Indochina, a menos que não seja noutro sítio. Uma das boas farsas destes cómicos. As scenas do templo são felicíssimas.

O Amor no Saco (In the bag) — Realizada por Harry J. Edwards, também de Slim e de Eddie — Esta farsa não se passa em nenhum país exótico. Passa-se no caminho, a bordo de um transporte de tropas, quer dizer, desta vez procuravam variar e souberam fazê-lo. Slim com imensa graça em duas ou três situações apertadas.

Documentários

A pesca do Sável — Operador Adolfo Quaresma — má fotografia é medíocre exposição do assunto. As legendas cheias de premissões descabidas.

Ribatejo, da Lisboa Filme — Direcção de Adolfo Coelho — Operador Cesar de Sá — Documentário interessante sobre as principais regiões produtoras de trigo. Algumas lindas fotografias e alguns planos que se não justificam. Quero-nos parecer que êste documentário já foi apresentado noutro cinema. Mas, dado o seu carácter, a exibição explica-se de certo modo.

Tomar, da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Alguns esplêndidos enquadramentos, várias fotografias bonitas e muitas coisas já vistas e revistas. Há uma roda de azenha no rio Nabão que não há operador que a falhe... Por isso já toda a gente a conhece de gingeira. Mal sabe ela quanto é popular...

Sinfonia de Imagens — da Ulysses Filme — Operador Adolfo Quaresma — Estamos convencidos que êste filme representa um esforço de originalidade, de que o seu autor procurou fugir à rotina. Mas não foi feliz. O seu filme dá a ideia de que o sr. Quaresma tinha lá em casa vários bocadinhos de película impressionada aqui e ali e que resolveu aproveitá-los colando-os uns aos outros.

E o aquilo é uma sinfonia de imagens, para quê as legendas: «uma árvore seca», «uma palmeira a abanar», «imagens diversas», ou coisas parecidas?

D. M.

ANIMATOGRÁFO

ANO I

NÚMERO 7

Lisboa, 15 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO

Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: — Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Lda. TELEF. 2 1276

Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Contínua e Ilhas) — Três meses, 16\$00 — Seis meses, 31\$00 — Um ano, 62\$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1\$20)

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Preço 1\$50



A NOVA DESCOBERTA DE FRITZ LANG

O «Testamento do Dr. Mabuse», a nova e formidável realização do mestre de «Matou!», vai decerto chamar a atenção dos cinéfilos portugueses para a gentilíssima Camilla Spira, que interpreta, ao lado de Wera Liessan, um dos primeiros papéis femininos. Vamos contudo ter ocasião de admirá-la noutro filme: *Triste vida a do soldado*, um filme alegre, divertidíssimo, interpretado por um cómico excelente, Fritz Schultz, por Hans Adalbert von Schlettow e Ida Wüst



DORVILLE E CHALIAPINE NO ASSOMBROSO FILME DE G. W. PABST «D. QUIXOTE», EM QUE INTERPRETAM AS DUAS IMORTAIS FIGURAS DE CERVANTES: O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA E O SEU ESCUDEIRO